Revista Psicologia e Educação *On-Line*
2026, Vol. 6, Nº 1, 5 - 8

A poesia e o Ensino da Filosofia: uma Perspetiva para o Ensino Secundário

La Poesía y la Enseñanza de la Filosofía: una Perspectiva para la Educación Secundaria

Poetry and the Teaching of Philosophy: a Perspective for Secondary Education

José Miguel Ribeiro de Magalhães Monteiro
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário
E-mail: up201906241@up.pt

Resumo

A presente investigação tem como objetivo considerar a poesia como um recurso didático na aula de filosofia do ensino secundário. Vamos considerar o que é intrínseco à poesia, o que é a poesia. Após refletir sobre isso, exploramos os momentos da aula de filosofia do ensino secundário (Gallo, 2012): sensibilização, problematização, investigação e conceptualização.

Palavras-chave: filosofia, poesia, ensino de filosofia, sensibilização, problematização.

Resumen

La presente investigación tiene como objetivo considerar la poesía como un recurso didáctico en la clase de filosofía de la educacíon secundaria. Vamos considerar lo que es intrínseco a la poesía, lo que es la poesía. Después de reflexionar sobre esto, exploramos los momentos de la clase de filosofía de la educacíon secundaria (Gallo, 2012): sensibilización, problematización, investigación y conceptualización.

Palavras clave: filosofía, poesia, enseñanza de la filosofía, sensibilizacíon, problematización.

Abstract

The present investigation aims to consider poetry as a didactic resource in high school philosophy class. In the first place. We will consider what is intrinsic to poetry, what poetry is. After reflecting on this, we explore the key components of high school philosophy classes: awareness (sensibilização), problematization, investigation, and conceptualization.

Keywords: philosophy, poetry, teaching of philosophy, awereness, problematization.

1.O que é a Poesia?

> O Poeta alcança os píncaros da Vida; e vem depois contar aos outros homens a paisagem contemplada
>
> Teixeira de Pascoaes

Como diz o professor Sousa Dias "Não há como os poetas para nos dizer o que poesia quer dizer" (Dias, 2014, p.11). Escutemos então o que o poeta Jorge de Sena diz sobre a poesia.

> Já um filosofo disse que os limites do nosso mundo são os limites da nossa linguagem. E é verdade. Apenas esse filósofo se esqueceu de acrescentar que à poesia cabe o papel de superar todos os limites, ampliando-os em extensão e em profundidade. (Sena, 2021, p.89)

O que Sousa Dias diz no seu livro O que é a poesia? (2014) aparece já sintetizado nesta passagem de Jorge de Sena. O material da poesia não são emoções, mas sim as palavras, a língua em que o poema é escrito. É das palavras que se gera a sensação poética. "O único material poético (…) são as palavras, a linguagem" (Dias, 2014, p.15), e continua dizendo que "Poesia é sensação, criação de sensações pela linguagem" (Dias, 2014, p.15). Sendo uma construção na linguagem, é uma exploração dos seus limites como lembra Sena. Ao poeta cabe então ir além da capacidade da linguagem, procurando aquilo que não era até então possível na linguagem, procurando uma superação da linguagem, uma ampliação da sua capacidade, o que implica aumentar em extensão e profundidade o mundo, que é a medida da nossa linguagem, segundo o poeta. Ora, a posição de Sousa Dias assemelha-se à de Jorge de Sena, abordando os limites da linguagem, material poético. Também para ele a poesia força a linguagem a ir além dos seus limites. O filósofo fala numa violência exercida sobre a linguagem que a "força (…) a abrir-se a um indizível" (Dias, 2014, p.15). "O poema fala, ou faz sentido, lá onde não chega, não pode chegar, o sentido lógico (…) O sentido lógico exige à linguagem um significado, um 'querer-dizer´, que a linguagem poética recusa" (Dias, 2014, p.27). À poesia, o significado usado pela língua não é o que lhe interessa; o que lhe interessa é ir além dos significados, além do discurso lógico. Fazendo uso da linguagem que exige significado, é dela que a poesia parte, por forma a ultrapassá-la, para ir além dos seus limites, para, como diz Sousa Dias, dizer algo que a linguagem não alcança (algo que não sejam os significados). Sendo que, como o refere Sousa Dias, nenhuma "palavra significa por si só (…) é sempre relativa a outras palavras, e a significação poética deriva das relações incomuns que a poesia forja entre elas" (Dias,2014, p.21), sendo essa significação poética as sensações poéticas que são criadas através da relação incomum das palavras no poema.

> A poesia não poetiza o mundo: torna dizível-sensível a sua textura poética, isto é, a enigmaticidade objetiva do mundo, a sua resistência ao logos (ao dizer discursivo). (Dias, 2014, p.33)

> a imagem poética dá sempre a ver mais realidade (…) possui um poder sensível (não intelectual, não conceptual) de revelação ontológica (Dias, 2014, p.12)

A poesia dá a ver/sentir um indizível, isto é, algo que a linguagem não alcança, mas que, por meio da violência sobre ela exercida pelos poetas (através do uso incomum que fazem das palavras), pela sua sensibilidade desregulada é tornado possível. É tornado possível dizer o indizível, indizível esse que consiste no dar a ver/sentir mais realidade do mundo e de nós mesmos através do poema, que amplia o nosso mundo, recuperando o que diz Sena. Ou, noutra formulação, dá a sentir, oferece perceções, sensações da enigmaticidade objetiva do mundo, ou ainda do "'obscuro domínio' (Eugénio de Andrade) do real (e de nós)" (Dias, 2014, p.56). Trata-se, portanto, de uma vidência ou de uma revelação desses domínios do real, do mundo e de nós, pelo que se pode falar em revelação de realidade pois o poema dá a ver/sentir mais realidade, que apenas é possibilitado no e com o poema[1] (sendo que sem ele não seria possível o acesso a essa parte do real). Por exemplo, revela certo(s) domínio(s) do Amor, tema recorrente na poesia (e não inserido no contexto das aprendizagens essenciais de filosofia aprovadas em 2018), dá a sentir certa ou certas dimensões do amor que não são acedíveis de outra forma, senão através do poema, mas que permanecem nesse domínio de obscuridade ou de enigma, porque a razão não o alcança na medida em que ele é inacessível pelo sentido lógico, pelo discurso racional.

2. Conceção de filosofia e conceção de aula de filosofia no ensino secundário

Antes de tentar compreender como pode a poesia ser uma ferramenta na aula de filosofia do ensino secundário, é necessário clarificar em que momento da aula o pode ser e em que "tipo" de aula o será. Para isso, é necessário apresentar uma conceção de aula e os momentos que ela contém.

Acompanhamos aqui a proposta de Sílvio Gallo que, tal como João Boavida, vê as aulas de filosofia no ensino secundário como uma oportunidade de iniciação filosófica (uma iniciação àquilo que é intrínseco e característico da filosofia) e não como uma mera transmissão de conteúdos. Assim sendo, é necessário também apresentar uma conceção de filosofia que oriente a aula, sendo que neste campo será acompanhada a proposta de Gilles Deleuze e Félix Guattari, à luz dos comentários de Sílvio Gallo.

O que é a filosofia? O que lhe é específico?

Segundo a perspetiva assumida por Gilles Deleuze e Félix Guatari, o que é específico à filosofia não é a reflexão nem a contemplação, na medida em que ambas não se apresentam como algo que se restrinja à filosofia, o cientista também reflete e o místico também contempla. Filosofia é, na perspetiva destes filósofos, uma atividade criativa e não passiva como o queria, por exemplo, Simone Weil[2] que reconhece à filosofia o papel de inventariação de pensamentos eternos, que apareceriam em toda a filosofia, mas cuja expressão diferia resultante do contexto cultural e linguístico. Por sua vez, os filósofos franceses distanciam-se profundamente desta perspetiva, tomando a filosofia como uma atividade criativa, cuja criação são os conceitos[3]. Apenas à filosofia, segundo Deleuze e Guattari, se encontra reservada a criação de conceitos. É, portanto, aquilo que lhe é intrínseco. Contudo, "é próprio da filosofia criar conceitos que

[1]É certo que o filósofo não afirma que esta é uma capacidade exclusiva da poesia, é uma potencialidade de todas as artes, mas a poesia fá-lo através da linguagem, buscando uma superação da mesma.
[2]Ver em Ensinar Filosofia?, nas páginas 276-281, publicado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, em 2013.

permitam a contemplação, a reflexão (…) sem os quais elas não podiam existir (Gallo, 2012, p.59).

Falar em criação de conceitos exige pensar de que forma se procede essa criação, de onde ela deriva, porque acontece. O filósofo não cria conceitos quando quer, não é algo que surja voluntariamente. E isto porque o conceito deriva do problema, sendo o problema algo que também é intrínseco à filosofia; sem problema não é possível a criação de conceitos, é quando muito possível a assimilação de conceitos.

O que é o problema?

Para Deleuze e Guattari o pensamento não é algo que seja natural, é resultado de algo que o força a surgir. Diz Gallo que só "pensamos porque somos forçados a pensar" (Gallo, 2012, p.71). O problema é, segundo Deleuze, o motor do pensamento que tem como expressão o fazer filosófico (a criação de conceitos)[4]. Ora, o problema é em primeiro lugar da ordem da sensibilidade, é pré-racional, antecede a racionalidade. É "um encontro, um acontecimento que se produz no âmbito da sensibilidade, não da racionalidade" (Gallo, 2012, p.109). Este encontro é algo que acontece no campo da sensibilidade, gerando uma estimulação nervosa que obriga a pensar, que força o pensamento, obrigando o filósofo a criar conceitos. Só após esta estimulação sensível surge a racionalidade, por ela forçada. Como diz Gallo "a experiência problemática é sentida, vivenciada, para que possa ser racionalmente equacionada" (Gallo, 2012, p.72).

Perante esta assunção, que é no problema e no conceito que reside a chave da filosofia, uma aula que se queira uma iniciação (ou promotora dessa iniciação) à filosofia, deve centrar-se nesses dois aspetos, no problema e no conceito. Esta é a linha geral da proposta de Silvio Gallo que defende uma abordagem pedagógica que se baseia na experiência do problema e na produção do conceito (Gallo, 2014, pp.81-82). É tarefa do professor fazer com que "os alunos vivenciem os problemas, os sintam, os sofram até à necessidade de pensar com paixão sobre eles e se estudarem com entusiasmo os autores que os estudaram, os problemas existem" (Boavida, 2010, p.29). Ora, o sentir o problema, ou, de outro modo, uma iniciação/aproximação ao problema (esta questão será vista abaixo), é aquilo que em primeiro lugar deve ser procurado na aula de filosofia. Sem esta aproximação ao problema por parte do estudante, a iniciação à filosofia não acontece, justamente porque se perde o primeiro elemento da filosofia que é a sua dimensão problemática, que antecede a conceptual. Não ambicionar alcançar esta vivência nos estudantes é, logo à partida, tomar a aula de filosofia como qualquer coisa que não uma iniciação à filosofia, pois esquece um pilar fundamental.

Gallo apresenta uma proposta didática, entendendo-a não como algo fixo, não como um método altamente rigoroso, mas sim como uma metodologia geral, alterável e adaptável ao contexto de lecionação. Dessa proposta constam quatro momentos/etapas, a sensibilização, a problematização, a investigação, e a conceptualização.

Em primeiro lugar existe um tema/questão que irá nortear a(s) aula(s). Gallo concretiza a sua proposta com uma exemplificação dessa mesma proposta, e tem como ponto condutor uma questão/tema, que se resume à "possibilidade de decidir (isto é, ser capaz de valorar) antes de realizarmos uma ação" (Gallo, 2012, p.99). A sensibilização aparece como a primeira etapa. Nela visa-se "fazer com que o tema 'afete' os estudantes" (Gallo, 2012, p.96); quer-se atingir a sensibilidade do estudante, visa-se fazer com os estudantes fiquem motivados, com a atenção dirigida para determinado tema, que será tratada filosoficamente. O tema/questão por si mesmo não pertence a nenhuma área do saber, mas por elas pode ser tratado, cada um com as ferramentas que dispõe, pelo que cabe na aula de filosofia conceder-lhe o tratamento filosófico. O autor refere que nesta etapa o professor pode recorrer a recursos não filosóficos, nomeadamente recursos artísticos, poemas, pinturas, banda-desenhada, etc. Ora, a etapa seguinte, a problematização, consiste em tornar a atenção do estudante para determinado tema, em vontade de procurar soluções, isto é, visa "transformar o tema em problema" (Gallo, 2012, p.96). Quer-se que o estudante sinta o desejo, a vontade de encontrar soluções, sendo que este é o lugar para se desenvolver desconfiança, relativamente a afirmações demasiado imediatistas. Visa-se justamente o problema[5], a sua experiência enquanto estimulação sensível que traz consigo o desejo de procura de respostas, quer-se que os estudantes sintam essa vontade. Gallo diz também que esta etapa é a adequada para a promoção de "discussões em torno do tema em pauta, propondo situações em que ele possa ser visto por diferentes ângulos e problematizado em seus diversos aspetos" (Gallo, 2012, p.97). Assim sendo temos a terceira etapa, a da investigação. Esta etapa consiste na leitura de textos da história da filosofia, de modo a que encontremos elementos que permitam aos estudantes solucionar filosoficamente os problemas suscitados, isto é, procurar-se-ão os aparatos conceptuais úteis para a resolução dos problemas. A última etapa é a da conceptualização. Após o contacto com os textos e da procura dos conceitos presente nesses mesmos textos, cabe voltar ao problema, é altura de os estudantes enfrentarem o problema, isto é, cada um deve agora buscar "saciar" a sua vontade de resolução do

[3]Esta proposta dos filósofos franceses, como lembra Gallo, não tem um conceção singular daquilo que é o conceito enquanto criação filosófica mas pelo contrário abre campo a várias "compreensões do conceito" (Gallo, 2014, p.40).

[4]Deleuze e Guattari também afirmam que a arte e a ciência são atividades criadoras, discutindo a questão da diferença entre estas três áreas no seu O que é a filosofia?. Segundo os próprios, a arte cria afetos (novas formas de sentir), e perceptos (novas formas de percecionar); a ciência cria funções e proposições.

[5]Apesar de Gallo afirmar que quer transformar o tema em problema, parece, no entanto, que o próprio não entende aqui a noção de problema à luz da filosofia de Deleuze, pois define-o como o surgimento "em cada um [d]o desejo de buscar soluções" (Gallo, 2012, p.96). A interpretação que me é possível é a de que se pretende aqui uma aproximação ao problema enquanto elemento filosófico; procura-se fazer com que o estudante sinta um desejo de procurar soluções, mas não se procura que este sinta o mesmo tipo de necessidade experienciado pelo filósofo, ou seja, a vivência do problema, como estimulação sensível que se revela imperiosa para pensar, para gerar a necessidade da criação de conceitos. Quer-se, no entanto, uma aproximação a este elemento sensível da filosofia, na medida em que se pretende gerar no estudante o desejo de procurar resposta/soluções. Contudo, não se pretende que o estudante de facto tenha problemas na aceção deleuziana, pois visá-lo seria inútil. Como Deleuze afirma nunca se sabe de onde o problema surge, não se sabe porque aparece e porque nasce. Deste modo, tentar gerar o problema nos estudantes seria uma tarefa votada à sorte, nenhuma forma mais ou menos eficaz poderia ser perspetivada para levar os estudantes ao problema na medida em que não é possível qualquer aproximação compreensiva àquilo que faz com o problema nasça, isto porque do problema se pode afirmar que o seu nascimento é imprevisível. Procurar gerar o problema também se revela (quase) impossível pois o problema apenas o é porque surge em filósofos, ou nos filósofos; sem filósofos não há problema, e sem problema não há filósofos. Assim sendo, dado que se supõe que os estudantes, ou a esmagadora maioria dos estudantes não sejam sequer filósofos em potência, procurar a existência do problema na sala de aula seria igualmente em vão se considerarmos esta perspetiva.

problema. Assim, uma resposta à questão colocada no início acerca da possibilidade ou impossibilidade de se valorar antes da ação pode encontrar forma, na medida em que os estudantes já possuem o contacto com vários aparatos conceptuais que lhes permitirá formular essa resposta, devendo apropriar-se deles para gerar respostas. Gallo diz que esta apropriação e aplicação requer ou consubstancia uma (re)criação conceptual[6], verificando-se assim consumada a recriação na aula de filosofia do movimento problema-conceito.

3. A poesia e o seu papel na aula de filosofia

Assim entendida a aula de filosofia, será visto o papel que a poesia nela pode desempenhar e a forma como o desempenha. É, evidentemente, na etapa da sensibilização que a poesia se revela útil na aula de filosofia, mas também na etapa da problematização.

O poema leva o seu leitor aos obscuros domínios do real, dá a sentir esses domínios, pelo que, e é sempre condição necessária, se o poema consegue afetar o estudante, isto é, se o estudante, sente, tem sensações desses domínios obscuros e enigmáticos do real, tem naturalmente a atenção mobilizada para o tema presente no poema, seja ele de que ordem for. O tema do poema deve ser adequado ao tema da aula, naturalmente. A atenção é mobilizada na medida em que afetado pelo poema, o estudante vê nele gerado um certo sentimento de enigmaticidade, o estudante sente algo como enigmático, determinada realidade, e por isso a sua atenção para ela é mobilizada. Contudo, este sentir não implica que o estudante compreenda a natureza daquilo que sente, ele compreende que sente algo, mas não é garantido que compreenda exatamente que sente um sentimento de enigma.

O poema pode ser não apenas um captador de atenção para o tema, mas também ser parte ativa na etapa da problematização, pode ser ele a base da transformação do tema em problema. Ora este sentir o enigma pode ser algo explorado na fase de problematização, de forma a que esse sentir se transforme numa procura racional/filosófica. Como já referido, o poema dá a sentir o enigma constituinte do mundo, o seu obscuro domínio. Ora o enigma é por si, pela sua natureza, um desafio à racionalidade, gera a vontade de o resolver. Na problematização, o professor pode através da promoção da consciência da enigmaticidade presente no poema (e sentida pelo estudante), encaminhar os alunos para a necessidade de pensar sobre o tema. Para tal, o professor deve em primeiro lugar promover o sentimento de enigma, e fazer com que os alunos tenham para si a consciência de que aquilo que sentem é enigmático; os alunos devem reconhecer o caráter enigmático presente no poema. Se atingido, isto deixa os alunos predispostos para a procura de respostas/soluções, ou seja, faz com que eles entrem no campo problemático, pois desse modo encontram-se face a algo enigmático o que por si só gera uma vontade de compreender/resolver o enigma. Contudo, esta abordagem pode/deve ser complementada pelo professor que poderá fomentar o problema através de uma problematização mais vasta, caso esta estratégia se revele insuficiente, ou seja, caso não consiga gerar o desejo nos alunos a um nível razoável.

Posto isto, é importante pensar-se nos perigos/limitações da poesia como recurso da aula de filosofia. Em primeiro lugar, o perigo surge na utilização da poesia na aula sem o professor perspetivar previamente se a poesia pode ser um meio adequado para a turma (para cada turma em específico), pois se a turma não aderir ao poema e à poesia, a leitura do poema pode não ser mais que uma perda de tempo, mas também, e mais importante uma perda do interesse dos alunos relativo à própria aula, e não apenas àquela parte da aula. É necessário e imprescindível (a menos que se deseja fazer uma aposta na sorte, e deixar assim a aula ligada apenas ao acaso) que o professor procure compreender se a poesia é uma boa ferramenta para determinada turma, ou se pelo contrário não o é. Não será tarefa simples, mas o professor pode procurar compreender quais as referências culturais dos estudantes, quais os seus interesses, qual a sua abertura à poesia.

Caso o professor entenda que a poesia é um recurso adequado deve procurar adequar o poema ao tema/questão a tratar na(s) aula(s). Deve também adequar o poema à faixa etária dos estudantes, ao seu contexto cultural, não devendo fugir muito desses campos sob pena de incompatibilizar a relação entre os estudantes e o poema, podendo acontecer um desequilíbrio entre o vocabulário do poema e o vocabulário dos estudantes, por exemplo.

Outra das situações que deve ser rejeitada em absoluto, relaciona-se com o facto de que a poesia dá a ver/sentir um indizível, isto é, algo que a linguagem não alcança, mas que por meio da violência sobre ela exercida pelos poetas (através do uso incomum que fazem das palavras) a poesia consegue alcançar (e que só no poema se alcança). Ora, isto implica que qualquer tentativa de tradução do poema resulte na sua destruição, pois essa tradução pelo uso da linguagem que requer significado, a linguagem no seu uso comum, tem como consequência que aquilo que o poema dá, seja perdido, e com essa perda perde-se a força do poema para a sensibilização e para a problematização. Fazer essa tradução (procurar dizer aquilo que o poema diz através do discurso lógico) e fomentar que ela seja feita pelos alunos, é anular o poder e a capacidade de a poesia dar aquilo que só ela pode dar, só aquilo que é dado a alcançar através dela. E dessa forma aniquila aquilo que ela pode dar à aula de filosofia, pois aquilo que ela permite é eliminado na medida em que se aniquila o poema.

[6] O filósofo não explora extensivamente esta questão, apenas faz uma alusão num pequeno parágrafo que dedica à explicação do porquê de nesta etapa se dar uma recriação conceptual. Ora dada a escassez de explicitação e dada a profunda complexidade das noções apresentadas, este trabalho não é o local para se pensar esta questão que exigiria um aprofundamento da filosofia deleuziana, bem como uma extensa explicitação dos pontos que se afiguram pertinentes para a explicitação do caráter recriador desta etapa, o que levaria à construção de um novo trabalho dada a complexidade do tema. Remeto apenas para o último parágrafo da página 97 (do único livro do autor que consta na bibliografia), parágrafo esse no qual Gallo apresenta esta questão.

Referências

Boavida, J. (2010). *Educação filosófica: Sete ensaios.* Coimbra: Impresa da Universidade de Coimbra.
Dias, S. (2014). *O que é a poesia ?* Lisboa: Documenta.
Gallo, S. (2012). *Metodologia do Ensino de Filosofia:Uma didática para o ensino médio.* Campinas, SP: Papirus.
Sena, J. (2021). *Carta ao Jovem Poeta.* Lisboa: Maldoror.